

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INTEGRAL INTEGRADA NA  
ESCOLA CONTEMPORÂNEA

**RELAÇÃO ESCOLA E COMUNIDADE: EFEITOS DA IMPLEMENTAÇÃO DO  
PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO**

MARINÊS DO CARMO DE PARIZ DA SILVA

Porto Alegre, 2013.

## RESUMO

O presente artigo se propõe a discutir os desafios trazidos às escolas e suas comunidades em função da implantação do Programa Mais Educação. O programa federal de jornada ampliada visa construir uma escola de Tempo Integral, que valorize diferenças e aposte na autonomia de profissionais, alunos e comunidade escolar. As novas demandas imprimem mudanças de paradigmas, de atitudes, de valores. Isso implica ressignificar o ambiente, adotar uma nova forma de pensar a organização escolar e a aprendizagem. Sabe-se que mudar o modo de pensar, consolidado durante décadas não se constitui em uma tarefa fácil, porém temos o compromisso histórico de transformar a escola e isso exige o envolvimento do todo da sociedade neste processo. No decorrer da nossa reflexão, compreender as relações no cotidiano da escola e suas implicações no âmbito da gestão escolar, identificando a melhoria da qualidade de ensino a partir do envolvimento de todos os segmentos que formam a comunidade escolar. Este trabalho entende que dois entendimentos de gestão são necessários: participativa e democrática. Tal investimento na gestão colabora para levar o aluno a aprender cada vez mais, tornando-se sujeito ativo na sociedade em que vive.

**Palavras-chave:** Gestão democrática; Comunidade escolar; Educação Integral; Relação.

## **O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO E A GESTÃO DEMOCRÁTICA**

O Programa Mais Educação instituído pela Portaria Interministerial nº. 17/2007 e pelo Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010, integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva de uma Educação Integral. Trata-se da construção de uma ação intersetorial entre as políticas públicas educacionais e sociais, entre os entes federados, contribuindo, desse modo, tanto para a diminuição das desigualdades educacionais, quanto para a valorização da diversidade cultural. O Programa Mais Educação tem por finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de Educação Básica em tempo integral.

O Programa Mais Educação amplia o tempo de permanência da criança na escola e compartilha a tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas. Nessa proposta as famílias e os diferentes atores sociais que integram a comunidade escolar são convidados a participarem e reconhecerem, que a Educação Integral, pressupõe a aprendizagem conectada com a vida e ao universo de interesses e de possibilidades das crianças e suas comunidades. Sabe-se que tal proposta ocorre com a coordenação da escola e dos professores, mas a participação da comunidade é vital para que ela tenha efeitos produtivos na vida dos estudantes.

É responsabilidade de o Estado garantir o direito a educação pública, gratuita, laica e de qualidade social para todos. Entendendo qualidade social enquanto processo permanente de formação integral e emancipação do sujeito; conhecimento enquanto construção da identidade humana e meio de compreensão do mundo, reconhecendo o contexto, as diversidades culturais, sociais e políticas, o respeito às diferenças, o avanços da sustentabilidade ambiental e o exercício da democracia.

A sociedade contemporânea espera ter uma escola que busque qualidade, e para isso vem tentando desenvolver metodologias que auxiliem na gestão, trazendo para sua estrutura a participação mais ativa da comunidade. Tal perspectiva restabelece novas parcerias, novos olhares entre as relações escolares.

A gestão escolar democrática representa um sinal significativo da necessidade de interação entre pólos distintos, como a escola e comunidade. Assim pretende-se que se consiga atender às necessidades do aluno de forma adequada, privilegiando a união como integrante fundamental de mudanças.

O presente trabalho propõe uma reflexão a cerca da relação escola e comunidade, especialmente a gestão democrática, analisando a importância da participação da comunidade escolar nos aspectos pedagógicos, administrativos e financeiros. Principalmente tomando o Programa Mais Educação como estratégia contemporânea para o estabelecimento de uma nova relação, mais participativa com a escola.

Construir uma escola que valorize diferenças e que promova uma relação de confiança na autonomia de profissionais e alunos, demanda mudanças de conhecimento, de atitudes, de valores, etc. Isso significa adotar uma nova forma de pensar a organização escolar e a aprendizagem. Mudar modos de pensar arraigados não é fácil, leva tempo para novas formas de pensar se estabelecer e exige o envolvimento de todos no processo.

Como começar a criar uma escola participativa? Qual é o olhar que temos sobre a escola? De que forma O Programa Mais Educação potencializa a relação escola e comunidade?

Um dos caminhos é tornar na escola um ambiente propício ao diálogo e à experimentação, incentivando a reflexão constante sobre a prática. Contar com a parceria e a cumplicidade dos pais e da comunidade é uma estratégia importante para fortalecer a escola no seu processo de aperfeiçoar a qualidade do ensino.

Buscamos no decorrer da nossa reflexão compreender as relações no cotidiano da escola e suas implicações no âmbito da gestão escolar, identificando a melhoria da qualidade de ensino a partir do envolvimento de todos os segmentos que formam a comunidade escolar. Pois entendemos que a gestão é o alicerce da escola, principalmente se ela se der de forma participativa e que respeite os princípios da gestão democrática que alcançará o sucesso do aluno em todos os aspectos. A escola se transforma num espaço do saber, de transformação e de qualidade, levando o aluno a aprender cada vez mais, tornando-se sujeito ativo na sociedade em que vive.

Gestão democrática é aquela que faz das diferenças um recurso valioso para aperfeiçoar o ensino e a aprendizagem. Nela, alunos, educadores, familiares e

membros da comunidade estão imersos em um processo contínuo de aperfeiçoamento e, ao longo do tempo, realizam mudanças significativas nas suas formas de pensar, sentir e fazer.

O Programa Mais Educação trouxe um novo olhar nos espaços escolares. A forma como a escola organiza os seus espaços reflete parcialmente a sua “alma”, o seu projeto pedagógico e o seu compromisso com os alunos.

A educação, como nos ensinou Paulo Freire, é um lugar de conflito, onde o diálogo precisa ser conquistado. A aposta desta formulação para a educação integral está na construção de um instrumento capaz de lidar com saberes oriundos de distintas experiências e avançar na direção da escuta mútua e das trocas capazes de constituir um saber diferenciado. Se o homem é o sujeito de sua própria educação, não é somente objeto dela, como ser inacabado não deve render-se, mas interrogar e questionar. Escola e comunidade estão convidadas a fazer este exercício.

A interculturalidade remete ao encontro e ao entrelaçamento com o que acontece, quando os grupos entram em relações de troca. Os contextos interculturais permitem que os diferentes sejam o que realmente são nas relações de negociação, conflito e reciprocidade. Escola e comunidade são desafiadas a expandirem-se uma na direção à outra e complementarem-se. (Brasil, 2009 d, p.21)

Pensar em Educação Integral implica compreender a cultura da escola e dos seus processos, bem como articulá-los com as relações sociais mais amplas. Para se ter na escola um processo participativo deve-se exercitar o diálogo da escola com seu entorno, a comunidade escolar, respeito às diferenças, garantindo a liberdade de expressão, a vivência de processos de convivência democrática em busca da construção de currículo integrado.

Portanto quando se fala em Educação Integral é importante ter em mente a idéia de gestão compartilhada. Abrem-se mão do controle centralizador, para pensar conjuntamente, com o colegiado, com a comunidade escolar, as políticas e ações para a Educação.

Baixar os muros da escola é colocá-la em diálogo com o que está em seu entorno em termos de políticas públicas, equipamentos públicos, atores sociais, saberes e práticas culturais e dinamizar as relações escola/comunidade, comunidade/escola, professores/agentes culturais, agentes culturais/professores, políticas educacional-políticas sociais, entre outras. (MOLL, 2012, p.142).

Essa ampliação da participação divide os resultados entre todos, o que retira automaticamente o direito a acomodação por cidadãos que compõem a comunidade escolar. Entende-se ainda que a escola de Tempo Integral seja um longo processo de construção, uma vez que nossa história nesse aspecto é muito incipiente. É possível fazer educação e escola para a transformação social. Fundamentalmente não se fará nada de novo, apenas com a crítica, nem tão pouco com a implantação de novas tecnologias.

Uma renovação nas atitudes, para socializar o poder, negociar, reconhecer e valorizar outros saberes, outros espaços e aceitar a incompletude, supõe mudanças que nem sempre são fáceis, porém produzirão resultados mais duradouros para os sujeitos envolvidos. Maria do Carmo B. Carvalho assegura que: “Somente a articulação/cominação de ações — entre políticas intersetoriais, intergovernamentais e entre agentes sociais — potencializa o desempenho da política pública. Arranca cada ação do seu isolamento e assegura uma intervenção agregadora, totalizante, includente” (Carvalho, 2006).

Quando a população que compõe a escola toma a palavra por meio de práticas participativas vemos como efeito a gestão democrática se materializar, altera suas relações e começa a se produzir uma escola diferente. Uma escola com proposição de construir conjuntamente conhecimentos e aprendizagens para a transformação dos sujeitos escolares.

A gestão escolar efetiva deve ter clareza sobre qual seja o propósito para o futuro. Identificar os saberes necessários a uma prática pedagógica contextualizada com realidades atuais é fundamental para construir um modelo educacional de Educação Integral.

A gestão participativa e integrada deve estar impregnada por certa atmosfera que se respira na escola, na circulação das informações, na divisão do trabalho, na construção do calendário escolar etc. A gestão é atitude, é aprendizagem, é constante exercício de democracia.

A escola não está isolada, mas inserida em uma realidade e com esta deve atuar e interagir, neste sentido é preciso estar interconectados e entender que sempre o todo será muito maior que somente a soma das partes.

A escola devolve a palavra àqueles que a constituem e isto é irreversível. E esta palavra se tornará PALAVRAÇÃO: Isto é palavra ação no processo que

continua a construir na dinâmica do inacabado, da esperança da vida, da alegria, como nos diz (Paulo Freire).

A escola autônoma, democrática e participativa, procura envolver professores, funcionários, pais, alunos e comunidade na construção de um ambiente que favoreça o aprendizado. Quanto mais ativa e efetiva for a participação destes no cotidiano escolar, maiores serão as possibilidades de fortalecimento dos mecanismos de participação e decisões coletivas.

A escola deve ser assumida como lugar e tempo de convivência de pessoas que aprendem juntas, umas com as outras a “serem gente”, “a cultura geral de um povo depende da cultura que a escola torna possível enquanto se está nela” (SACRISTÁN, 2000, p. 30).

## **A ESCOLA E A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR**

O Brasil passou por um primeiro momento em que a educação estava entregue unicamente nas mãos da iniciativa convencional e privada, que oferecia uma escola de qualidade, mas para poucos. Passou, em seguida, por uma forte intervenção do estado, que conseguiu expandir as oportunidades educacionais, mas sem oferecer qualidade e eficácia. Estamos vivendo hoje um momento diferente, um momento de busca de qualidade.

No Brasil na década de 60 instauram-se discussões acerca do paradigma da empresa e da necessidade de refletir sobre a especificidade da escola. Discute-se a transformação da escola em instrumento de reprodução da sociedade da classe, Russo (2004) afirma que decorrente das críticas fórmulas por Althusser (s/d), Baudelot e Establet (1971) e Bourdieu e Passeron (1975), passando do reprodutivo para a crítica não reprodutivista com as contribuições de Marx, Gramsci e outros. No Brasil essas mudanças surgem no final da década de 70 e início da década de 80 com Arroyo (1979), Zung (1984) e Paro (1986). Nos anos 80 deu-se espaço para que a educação fosse pensada a partir da realidade escolar embora ainda fosse dada ênfase ao cumprimento de normas e a planejamento padronizados. Para isso as novas políticas públicas passaram a contemplar a descentralização administrativa e gestão escolar participativa de cunho democrático, como foco na realidade da escola e de suas comunidades escolares e locais.

A educação como prática social voltada para a formação de sujeitos históricos sinaliza através de inúmeras pesquisas para a importância da autonomia a escola, da democratização e participação da comunidade na gestão escolar, da elaboração de um projeto político pedagógico e do planejamento participativo usando como mecanismo de gestão colegiada para alcance desses objetivos. Vale destacar que o PNE (Lei nº 10.172/2001) também estabeleceu, a “(...) gestão democrática e participativa”, a ser concretizada pelas políticas públicas educacionais, especialmente quanto à organização e fortalecimento de colegiados em todos os níveis da gestão educacional. A idéia central desses mecanismos é a constituições de forças democratizantes capazes de modificar a lógica interna da escola, alterando suas relações de poder e o destaque ao seu projeto administrativo pedagógico, levando a escola a se reorganizar em bases mais igualitárias.

“A escola, segundo Hora, (1997, p.35) como uma instituição que deve procurar a socialização do saber, da ciência, das técnicas e das artes produzidas socialmente, deve estar comprometida politicamente e ser capaz de interpretar as carências, direcionando essas necessidades em função de princípios educativos capazes de responder às demandas sociais”. Para isso cabe aos educadores perceberem a democratização como o desenvolvimento de processos pedagógicos que permitem a permanência do educando no sistema escolar, através da ampliação de oportunidade educacional.

No cotidiano escolar, entretanto, não são suficientes à gestão democrática participativa os incentivos ao exercício da autonomia administrativa, pedagógica e financeira. Ferreira (1999) coloca que muitas vezes a hierarquia dos sistemas de ensino, a descentralização e a democratização na administração de escolas públicas são perseguidas teoricamente, mas poucos são os resultados significativos e permanentes na prática. No caso da administração escolar, conforme, Russo (2004) vive-se um período de transição paradigmática, na prática o paradigma dominante ainda é de caráter burocrático. Muitas escolas funcionam sob o domínio do caráter hierárquico com o poder centralizado na direção, seguindo uma proposta rígida, inflexível.

O exercício da autonomia e do planejamento participativo na escola exige mudanças de comportamento, comunicação clara e aberta entre todos os componentes das comunidades escolar e local. Tal mudança exige que a direção desenvolva habilidades que envolvam a construção de um planejamento



participativo, que procure identificar questões problemáticas a escola, bem como a busca de encaminhamentos coletivamente para a resolução desses problemas, tais como: em gestão financeira, currículo, relações interpessoais.

A fundamentação da gestão democrática está, portanto, na constituição de um espaço público de direito, que devem promover condições de igualdade, garantir estrutura material para oferta de educação de qualidade, contribuir para superação do sistema educacional seletivo e excludente e, ao mesmo tempo, possibilitar a inter-relação desse sistema com o modo de produção e distribuição de riquezas com a organização da sociedade, com a organização política, com a definição de papéis do poder público, com as teorias de conhecimento, as ciências, as artes e as culturas.

Assim, a gestão democrática, entendida como espaço de deliberação coletiva (estudantes, funcionários, professores, pais, mães ou responsáveis), precisa ser assumida como fator de melhoria da qualidade da educação. Na construção da gestão democrática, alguns aspectos são imprescindíveis: a autonomia, a representatividade social e a formação da cidadania. É preciso compreender inicialmente, que com o Programa Mais Educação não constitui um fim em si mesmo, mas um importante instrumento do processo de superação do autoritarismo, do individualismo e das desigualdades sócio-econômicas. Ele deve contribuir para que as instituições educacionais, articuladas com outras organizações, participem da construção de uma sociedade fundada na justiça social, na igualdade e na democracia. O Programa Mais Educação chega à escola e propõe:

O espaço físico da escola não é determinante para a oferta de Educação Integral. O reconhecimento de que a escola não tem espaço físico para acolher as crianças, adolescentes e jovens nas atividades de Educação Integral não pode desmobilizar. O mapeamento de espaços, tempos e oportunidades é tarefa que deve ser feita com as famílias, os vizinhos, enfim, com toda a comunidade.

A gestão democrática exige a compressão em profundidade dos problemas postos pela prática pedagógica, e visa romper com a separação entre concepção e execução, entre o pensar e o fazer, entre teoria e prática. Busca resgatar o controle do processo e do produto do trabalho dos educadores. (VIEGA, 1997, p18)

Diante da idéia de Viega (1997) podemos entender gestão democrática como um processo político através do qual às pessoas na escola discute, deliberam e

planejam, solucionam problemas e os encaminham, acompanham, controlam e avaliam o conjunto das ações voltadas ao desenvolvimento da própria escola. Este processo, sustentado no diálogo e na alteridade, tem como base a participação efetiva de todos os segmentos da comunidade escolar, o respeito a normas coletivamente construídas para os processos de tomada de decisões.

Conforme Ferreira (1998, p. 69) “quando se fala em gestão participativa no âmbito da escola pública refere-se a uma relação entre desiguais onde se encontra uma escola sabidamente desaparelhada do ponto de vista financeiro para enfrentar os crescentes desafios que se apresentam”. E, também, uma comunidade não muito preparada para a prática da gestão participativa da escola, assim como do próprio exercício da cidadania. Para isso a escola deve permitir que a sociedade exerça seu direito à informação e à participação devendo fazer parte dos objetivos de um governo que se comprometa com a solidificação da democracia. Democratizar a gestão da educação requer fundamentalmente que a sociedade possa participar no processo de formulação e avaliação da política e educação e na fiscalização de sua execução, através de mecanismos institucionais. Esta presença da sociedade materializa-se através da incorporação de categorias e grupos sociais envolvidos direta ou indiretamente no processo educativo, e que, muitas vezes, estão excluídas das decisões (pais, alunos, funcionários, professores).

[...] visto que a escola mostra-se impotente para educar sozinha todas as crianças em uma sociedade democrática, ela necessita [...] de todas as instâncias de socialização que intervêm na educação das crianças em um determinado contexto (família, associações, empresas, organismos oficiais, voluntários). (Escola – Comunidade de Aprendizagem – IMBERNÓN (2009).

É importante saber que, na relação escola e comunidade, é preciso lidar com conflitos e opiniões diferentes. Mas precisa-se dialogar com os que pensam diferentes, e juntos, negociar. Para Navarro (2004, p.13) “a gestão democrática implica a efetivação de novos processos de organização e gestão baseados numa dinâmica que favoreça os processos coletivos e participativos de decisão”.

A gestão democrática da educação está associada ao estabelecimento de mecanismo legal e institucional e à organização de ações que desencadeiem a participação social, na formulação de políticas educacionais. Este processo de discussão da escola democrática se inicia e estabelece exatamente pelo processo histórico de democratização da escola pública que é para todos fortalecidos com o

fim da ditadura e que na gestão do governo Lula muitas políticas de inclusão social são criadas. Por isso o Programa Mais Educação emerge neste momento para realizar uma sólida obra educacional, fazendo com que a escola se abra no maior número possível de direções, buscando tomadas de decisões, na definição do uso de recursos e necessidades de investimento, na execução das deliberações coletivas, nos momentos de avaliação da escola.

Quando o Programa Mais Educação chega à nossa escola ele impacta, afeta o *status quo*. É que o Programa Mais Educação é exigente, guloso. Não quer só mais educação, quer também mais espaços, mais tempos, mais gente, mais oportunidade.

A escola que queremos para o Programa Mais Educação é integral, integrada, integradora. É uma escola que, em seu arranjo espacial, possa representar e potencializar o seu projeto político-pedagógico, uma escola com a 'cara' de seus alunos, com a 'cara' dos professores e de todos profissionais que ali trabalham, com a 'cara' da sua comunidade, com a 'cara' do Brasil. Parece até contraditório: como a escola pode ter a cara de cada um e a de todas ao mesmo tempo? Isso é o que é ser gente, ser brasileiro, é o Programa Mais Educação. Ter identidade, mas ser parte da coletividade, igualdade com diversidade. Este é o desafio:

O desafio de construir tal paradigma está posto para todos aqueles que vislumbram a possibilidade de uma sociedade mais republicana e democrática para a qual o papel da escola pode fazer muita diferença. (MOLL, Pátio. Ano XIII nº 51. Ago/Out 2009, p.15).

Ao permitir o acesso e a participação da comunidade na tomada de decisões, segundo Vianna, transmite-se a ela segurança, apoio e a oportunidade de questionar e levar à escola sugestões que podem beneficiá-la e tornar o aprendizado mais eficiente e agradável aos alunos. Este encaminhamento propicia a melhoria no relacionamento humano entre direção e pessoal escolar, entre a escola e os usuários e, principalmente, o relacionamento geral dos estudantes entre si e com os vários profissionais da escola, quer dentro quer fora do ambiente escolar.

A autonomia se refere à criação de novas relações sociais que se opõem às relações autoritárias existentes. Autonomia é o oposto da uniformização. A autonomia admite a diferença e, por isso, supõe a parceria. Só a igualdade na

diferença e a parceria é capaz de criar o novo. Por isso, escola autônoma não significa escola isolada, mas em constante intercâmbio com a sociedade.

Com o Programa Mais Educação, a escola passou a ser local privilegiado da inovação e da experimentação político – pedagógica, através da participação da comunidade escolar ativamente nas tomadas de decisões. O desafio é buscar a especificidade da administração escolar amparada em princípios freireanos cuja perspectiva é a própria organização da escola estruturada em bases radicalmente democráticas. Sob esse prisma, entende-se que cabe a ela, em particular, elaborar coletivamente sua própria metodologia de trabalho, uma concepção que exige do diretor de escola o desenvolvimento do aprendizado de vários saberes: o técnico, o político e o humano.

Com relação à proposta pedagógica esta possui eixos estruturantes baseados na Educação para além da sala de aula das escolas, que também busca trazer para dentro da escola as expressões culturais e sociais da comunidade e na aprendizagem nas trocas sociais, sendo que qualquer pessoa pode ensinar e aprender, não necessariamente tendo que ser graduado para ser um professor.

A proposta se estrutura, ainda, nos eixos de cidadania e inclusão social, que busca democratizar o espaço público, que é a escola, pela relação de pertencimento que se estabelece entre a comunidade e a instituição e que possibilita o encontro entre o saber formal e o informal. Assim os princípios de solidariedade, respeito à diversidade, a autonomia e o trabalho como meio de transformação do homem e da sociedade são vivenciados e compartilhados na relação da Escola e da Comunidade.

Para que a conscientização seja possível e venha a transformar as pessoas em sujeitos capazes não só de opinar, mas de decidir, é preciso ações conjuntas, ser um processo co-participativo.

É preciso que todos tenham compromisso político-pedagógico o qual na visão de Paulo Freire, significa o posicionamento reflexivo e crítico a respeito do ideal que temos de homem e de sociedade e às ações educativas relacionadas ao tipo e às características da educação que tomarão viável a construção da escola que queremos. (PADINHA, 2002, p. 18).

Uma administração escolar democrática é possível desde que o diretor assuma o compromisso de construir a escola que deseja, num exercício permanente

de análise, debate, avaliação e trabalho coletivo traçando os caminhos estabelecidos para atingir as meta e os objetivos propostos. Para que essa administração escolar democrática seja efetivada, é imprescindível os educadores, pais e alunos para, juntos escolherem a pessoa mais indicada e que se proponha, realizar a administração coletiva da escola. Nesse sentido deixa de existir uma mera fiscalização para uma gestão partilhada.

Paulo Freire “entendia que cada administração expressa, no seu âmago, posturas que refletem uma opção política”. Por isso cabe ao diretor filtrar, interpretar e questionar informações, estabelecendo uma nova leitura de escola, de sociedade e de mundo, mobilizando meios e procedimentos para coletivamente, atingir os objetivos traçados pela escola. Problemas, barreiras e limites sempre existirão. Porém, torna-se mais fácil ultrapassá-los quando se constrói, no espaço escolar, uma pedagogia da participação e os indivíduos responsáveis, críticos, criativos e comprometidos com a proposta de escola, construindo a Educação Integral integrada. Educação essa que viabiliza organização, mobilização e articulação de todas as condições técnicas, humanas, materiais e financeiras para garantir o sucesso do aluno.

A escola precisa despertar para o que assegura a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº. 9394/96), que regulamenta dois princípios a serem observados para a gestão democrática (inc. I e II ART. 14). Determinando assim, a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto da escola e assegurando a participação de pais, alunos e representantes da sociedade civil nos Conselhos Escolares. Além disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei nº.8069/90, incentiva a participação da criança e do adolescente, na tomada de decisões no que diz respeito a sua vida e de seu direito de liberdade de opiniões e expressões, e no artigo 53, também é dito: “É direitos dos pais ou responsáveis ter ciência dos processos pedagógicos, bem como participar de definições das propostas administrativas”. Diante disso a mudança de uma administração centralizada, para uma ação integrada e solidária é fundamental, pois todos os segmentos precisam sentir colaboradores e atores do processo.

O exercício da autonomia e do planejamento participativo na escola exige mudanças de comportamento, comunicação clara e aberta entre todos os componentes das comunidades escolar e local. Tal mudança exige que a direção desenvolva habilidades em planejamento participativo, identificação e resolução de

problemas, em gestão financeira, liderança democrática, currículo e relações interpessoais.

Por meio da administração participativa deixa de existir um autoritarismo centralizado, ou seja, o poder e decisão da escola não competem somente à direção, eliminando assim a diferença entre os dirigentes e os dirigidos. (HORA, 1997, p. 57).

Estarmos atentos a não transformar uma Educação Integral, algo que desintegre ainda mais indivíduos agitados através de um acúmulo “em tempo integral” de atividades sucessivas, apressadas e competitivas, ou seja, mais do mesmo. Construir uma educação humanista e integral, formar sujeitos conscientes, cooperativos e atuantes na sociedade.

O que caracteriza a educação integral é o reconhecimento da necessidade de **ampliar e qualificar o tempo escolar**, superando o caráter parcial e limitado que as poucas horas diárias proporcionam, em estreita associação com o reconhecimento das múltiplas dimensões que caracterizam os seres humanos. (Moll, 2009.p 13).

Nessa reflexão, buscamos compreender as relações no cotidiano da escola e suas implicações no âmbito da construção da Educação Integral. Como se dá a ampliação desse processo no seu tempo e nos seus espaços, identificando as contribuições do Programa Mais Educação, a partir do envolvimento de todos os segmentos que formam a comunidade escolar. Pois a Educação Integral é o caminho, se construída, a partir da participação, do exercício da democracia, priorizando o sucesso do aluno em todos os aspectos. Assim, a escola amplia relações, se transforma em espaço de construção de conhecimentos, concentra esforços na busca de uma educação que crie uma sociedade mais civilizada para existir, interagir, sonhar, realizar, viver e sentir.

## **EFEITOS DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO NAS RELAÇÕES ESCOLA COMUNIDADE**

Com a intenção de ver o que mudou na relação escola comunidade com a implementação do Programa Mais Educação, se realmente é praticada a gestão democrática na escola, esta coleta foi realizada com todos os segmentos: pais,

alunos, funcionários, professores, monitores, oficinairos, parceiros e pessoas da comunidade da EMEF Professor José Grimberg no município de São Leopoldo.

A Escola Municipal Professor José Grimberg tem por finalidade e objetivo oferecer serviços educacionais em função das necessidades e características de desenvolvimento e aprendizagem de crianças e jovens, na educação Infantil, no Ensino Fundamental.

Sua proposta pedagógica fundamenta-se na elaboração da construção coletiva, através de princípios democráticos e participativos, visando uma nova qualidade social, pois parte do princípio de que TODOS são capazes de contribuir para a construção do projeto político-pedagógico.

As novas relações a serem estabelecidas entre os participantes do processo educacional são de diálogo permanente, democrática e a serviço da transformação e intervenção da realidade social e cultural.

Tempos atrás li um livro que comparava a vida a uma viagem de trem, dizia a diretora da escola. Vou comparar a escola a um trem, isso mesmo, a escola é um trem, cheio de embarques e desembarques, de alguns acidentes, de surpresas agradáveis em alguns embarques e de grandes tristezas em outros. Em alguma estação pessoas descerão e nos deixarão órfãos de seu carinho, amizade e companhia insubstituível. Mas isso não impede que, na continuidade da viagem, pessoas interessantes e que se tornarão especiais para nós, embarquem. Muitas pessoas, é verdade, tomam esse trem apenas a passeio. Outras encontrarão nesta viagem somente tristezas. Outras ainda circularão pelo trem, prontas a ajudar quem precisa. Ao descerem do trem, muitos deixam saudades eternas, enquanto outros vivem nele de tal forma que, quando desocupam seu assento, ninguém nem sequer percebe.

Entre essas pessoas estão crianças e adolescentes que diariamente são submetidos às formas mais cruéis de violências e clamam, também em silêncio, com olhares e gestos por cuidado e proteção. E é nos educadores e educadoras que eles confiam com a esperança de que, ao descerem do trem, possam deixar saudades. Necessitamos aprofundar nosso entendimento sobre a vida e produzir sentimentos que possam nos interligar de uma forma profunda e fazer a devida transformação.

Com a implementação do Programa Mais Educação, a escola embarcou num trem ainda maior, onde responsabilidade, comprometimento, envolvimento e união fizeram com que muitos envolvidos embarcassem, sem vontade de desembarcar, o

que fez com que cada membro da comunidade escolar, se entregasse totalmente ao trabalho. Laços foram se estreitando e a escola não é mais a mesma.

Em relação à socialização, os alunos na sua grande maioria procuram não se envolver em atritos, buscam dialogar muito, auxiliam os colegas em suas dificuldades, se organizam em grupos sem que o educador interfira, jogam respeitando regras, participam da organização de todos os espaços utilizados pelo programa na escola e do entorno, preocupam-se com o bem estar de si e dos colegas, expressam seus sentimentos sem constrangimento com os colegas, monitores, funcionários, direção da escola, demais professores e com a professora comunitária.

Literalmente apreciam muito a alimentação que recebem, pois o carinho que é dispensado no preparo das refeições pelas merendeiras é algo digno de destaque. Hoje quase que a totalidade dos alunos que freqüentam o Programa Mais Educação come verduras, legumes e frutas, ao entrar no refeitório chegam a perguntar: Que fruta tem hoje de sobremesa! Na maioria das vezes as merendeiras cortam em cubinhos as frutas para facilitar a degustação. Todas têm um profundo carinho por cada um dos alunos. E eles correspondem ao elogiar diariamente a comida feita pelas mesmas. Neste período de dois anos de Programa muitos alunos ganharam peso e cresceram de forma saudável. Raramente ficam doentes.

Cada oficina tem sua particularidade, onde há respeito pelo crescimento e individualidade de cada um. A maior dificuldade foi em relação ao espaço físico para realização das oficinas. A escola sem espaço, buscou na comunidade. Inicialmente mapearam os espaços públicos, possíveis de usos, próximos da escola. Então, encontraram espaços na Comunidade Católica e na Associação de Bairro da Comunidade. Logo o colegiado entrou em ação e tudo se encaminhou da melhor maneira possível. Aconteceu a parceria de fato com os espaços do entorno.

O trabalho foi árduo, foram necessários muitos debates e reuniões com toda a comunidade escolar. A escola José Grimberg foi além dos seus muros, repensando seus tempos e espaços buscando a compreensão de todos e a importância de embarcar e estar no trem do Programa Mais Educação. Pois, onde participam alunos, professores, monitores, funcionários, pais e entidades da comunidade escolar, nota a importância do trabalho realizado.

Professores sentiram grandes mudanças nos relacionamentos entre os estudantes, evolução no cognitivo, com maior participação nas atividades em sala



de aula. Os monitores criaram vínculos afetivos o que facilitou muito a proposta de trabalho de cada um e conseqüentemente a evolução do grande grupo. Os mesmos se sentem muito bem na escola, há assiduidade, comprometimento, responsabilidade e grandes trocas.

Em relação aos alunos, os mesmos amam o que fazem nas oficinas oferecidas no Programa, expressando seu carinho pelos monitores e professores através de beijos, abraços, sentem-se capazes, estimulados e seguros. Em diversas situações, relatam que hoje sabem fazer coisas diferentes do que estudar os conteúdos. Na robótica, na dança e música, já foram premiados. Além de aumentar a auto estima, mostram a sociedade o que sabem. Tudo isso, graças as oportunidades oferecidas pelo Programa Mais Educação na escola.

Quanto aos pais, relatam que houve o retorno de que o Programa é excelente, as crianças aprendem muitas coisas que não tiveram a oportunidade em seu tempo, os filhos não gostam de faltar, o Programa Mais Educação significa mais oportunidades, aprendizagens, oportuniza momentos onde as crianças perdem a timidez, se tornam mais espontâneas, o mesmo faz a diferença no dia a dia de cada um. Recebem uma excelente alimentação que muitas vezes nem os pais conseguem fazer em casa por trabalharem fora, estão dentro de um ambiente saudável, ele é um presente na vida das famílias. Uma mãe pontuou que seu filho tinha muitas dores nas pernas e que após as aulas de dança, com os alongamentos, as dores sumiram.

O Programa é muito importante tanto na parte cultural quanto na parte intelectual. Fazer atividades em grupo é fundamental para formar o caráter social da pessoa. Todas as oficinas beneficiam na construção de cada um para o futuro, aproxima mais o pai da escola, tira muitas crianças da rua, dá segurança aos pais, aproxima mais as crianças de sua família, pois eles conversam mais em casa, relatam o que fizeram nas oficinas, sempre há novidades (fala de mães).

Enquanto professora comunitária, só tenho a agradecer pela oportunidade de vivenciar esta experiência maravilhosa que é o Programa Mais Educação, sou suspeita, porque me encanto pelos processos de aprendizagem que os alunos passam. Por vê-los em um desenvolvimento crescente, onde há transformações no físico, no social e no cognitivo, vejo-os independentes, organizados, felizes, com sonhos, objetivos a serem atingidos hoje e amanhã. Chegam sorrindo todas as manhãs, salvo algumas exceções, ao nos encontrarem, desabafam suas

preocupações ou tristezas e durante as oficinas transformam-se, porque sempre há um ombro e uma palavra amiga, além disso, são muito solidários entre si. Percebemos mudanças todos os dias, principalmente na convivência.

Este é um caminho que ainda está sendo construído e queremos um trabalho coletivo. Nesse sentido, valorizamos muito os saberes dos monitores, troca de saberes acontecem simultaneamente. Há a participação dos monitores nas reuniões pedagógicas e administrativas da escola, bem como uma participação efetiva destes nos conselhos de classe, onde levam suas contribuições para a avaliação de cada aluno e para o parecer descritivo que é entregue aos pais.

Mas com certeza uma proposta de trabalho como o Programa Mais Educação só dá certo se a comunidade, a Equipe Diretiva e os professores da escola abraçam juntos e acreditam que as mudanças acontecerão, com paciência, com determinação, com união e muito amor. Por isso, agradeço muito a minha equipe de escola e comunidade escolar. A escola mostra-se aberta a sugestões e críticas da comunidade em geral e costuma abrir espaços para utilização fora do programa formal da escola. Muitas coisas acontecem em construção conjunta, como estruturação do calendário escolar, priorização de obras e reformas, trabalhos de mutirão para limpeza e manutenção, entre outros. (diretora).

Nossa articulação ficou mais intensa e nossa interação, troca de idéias, dissensos e consensos, foi se tornando cada vez mais criativa e dinâmica, cheia de vida e sinergia, começando a desenhar um horizonte novo. Destaca a supervisora: “posso afirmar que tudo isso tem sido fruto de uma construção coletiva, com muito aprendizado, eterno aprendizado, uma exigência de abertura ao novo que tem sido capaz de nos fazer repensar a própria prática, propor novos paradigmas, problematizar o que antes era solução ou algo naturalmente dado”.

O Programa resgata o prazer de estar na escola, aumento da colaboração nos trabalhos, aproximação da comunidade e das famílias, melhoria da disciplina dos alunos, redução da violência na comunidade escolar. (pres. conselho escolar)

O pároco da Comunidade Católica diz que também aposta que a educação deve sair da formalidade. De acordo com ele, os conteúdos de sala de aula precisam ter um sentido prático e os estudantes, outro tipo de comprometimento com a comunidade. “Nessa linha pedagógica inclui iniciativas que tratem da cidadania com as crianças”. Ele cita atividades como a troca de um quilo de alimento

por livros, realizada no ano passado. Que foi doado para família carentes da comunidade. “Queremos pessoas conscientes de seus direitos e obrigações”.

O presidente da Associação de Moradores destaca a importância do programa para a redução da violência no entorno da localidade e elogia a direção da escola que se dispôs a implantar o Programa Mais Educação. Coloca que “aqui sempre tivemos uma boa parceria, pois a comunidade é a mesma”. (presidente da associação de moradores)

Com o Programa Escola Aberta, a escola iniciou uma relação mais estreita com a Comunidade, mas muito separado: escola da semana e final de semana. Com o Programa Mais Educação a escola precisou articular diferente, sair do seu espaço, ir além dos muros, conhecer melhor o seu entorno, sua comunidade e seu contexto. Hoje nota-se muito essa mudança na escola. A comunidade é presente em todas as ações: construção do Projeto Político Pedagógico, do calendário escolar, organização de festividades, saídas de campo, etc. (falas de professores).

O grande desafio agora é fazer com que o Programa Mais Educação passe a fazer parte da política do município e que a escola possa proporcionar para todos os alunos matriculados e não uma minoria. (diretora)

A ação educativa se guia por princípios éticos, por uma solidariedade que prepara para a vida no presente. Ou, como destaca Góis (2001, p. 24):

[...] sentir-se vivo implica o ato de tecer a própria vida no cotidiano, estando “dentro e fora do mundo - dentro”, como corporeidade amorosa e fora, como significação e sentido. Os dois modos constituindo um só ato, um só gesto, uma só dança na qual se é pleno em concretude e subjetividade.

Este trabalho já implica uma Pedagogia do Afeto, onde estão implicadas relações humanas e curriculares e a cada novo ano devem ser fortalecidas.

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feita, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. (FREIRE, p.16, 2001).

Percebe que o trabalho é desenvolvido dentro de uma ideologia construtivista-interacionista, ou seja, o conhecimento é entendido como uma relação de interdependência entre o sujeito e o meio. Por isso, que hoje, mais do que nunca,

os professores precisam rever o que constituiu o fundamento de sua prática e criar novos meios de conhecer e de relacionar-se com o conhecimento e com os alunos. Isso supõe ir além dos limites do que parece aceitável para que possam repensar e transgredir, produzir novas narrativas e experiências de aprendizagem com sentido.

Assim, pode-se começar a construir uma nova narrativa para a educação, pensando em sujeitos que estão em trânsito para o incerto e o desconhecido. Para quem aprende, essa pode ser uma experiência apaixonante. O desenvolvimento de processos educativos é essencial para promover a reconstituição e a reinvenção do cotidiano escolar, formal e não formal. É preciso articular as ações pedagógicas, administrativas e extra curriculares, assegurando que a organização escolar vá se tornando um ambiente de aprendizagem, em espaço de formação com todos os sujeitos, buscando juntos construir uma educação de qualidade para todos, potencializando o tempo de permanência na escola.

A escola deve transformar-se num espaço de vida democrática, baseada no diálogo, no respeito real pelas diferenças individuais, num local de construção do conhecimento e de aprendizagem múltiplas, formando indivíduos conscientes e ativos na busca da transformação social da sociedade, tornando-a mais justa e igualitária. Educar não é formar um homem absoluto, é prepará-lo para viver no mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA PENSAR**

Dizemos que há uma pedagogia da escolha à medida que reconhecemos que as pessoas se educam se humanizam mais, quando exercitam a possibilidade de fazer escolhas e de refletir sobre elas. Ao ter que assumir a responsabilidade pelas próprias decisões as pessoas aprendem a dominar impulsos, influências, e aprendem também que a coerência entre os valores que se defende com palavras e os valores que efetivamente se vive, é um desafio sempre em construção.

Nesta caminhada com proposições de ações voltadas a construção de autonomia e democratização está respaldada nas diretrizes educacionais, onde busca uma educação como prática social, intencional, comprometida com a transformação da sociedade, possibilitando aos sujeitos, através do diálogo entre os diferentes, a circulação dos saberes e construção do conhecimento, numa prática

interdisciplinar e prazerosa onde se construam como agentes deste processo de mudança.

A essa escola verbalista, propedêutica, antidemocrática, por isso mesmo cada vez mais superposta à sua comunidade, oponhamos uma outra escola. [...] centrada na comunidade e formadora de hábitos, “deverá, assim, organizar-se para dar ao aluno, nos quatro anos de seu curso atual e nos seis a que se deve estender”, diz Anísio Teixeira, “uma educação ambiciosamente integrada e integradora”. Para tanto, continua o mestre brasileiro, precisa, primeiro, de tempo: tempo para se fazer uma escola de formação de hábitos (e não de adestramento para passar em exames) e de hábitos de vida, de comportamento, de trabalho e de julgamento moral e intelectual”. (**Paulo Freire**, Tese de concurso para a cadeira de filosofia e história da educação na Escola de belas-artes de Pernambuco, 1959).

O papel do gestor será fundamental no processo de construir uma escola de tempo integral, uma sociedade renovada, na qual a comunidade esteja atuando em parceria com o objetivo de reconstruir o cotidiano, possibilitando as mudanças necessárias para promover a construção de uma sociedade mais justa e com maior qualidade de vida.

Aprendizagem significada em cada gesto, palavra, reflexão, discordância, argumentação, descompasso, dúvida. Trazer o educador para o lugar de aprendiz, sem negar sua ludicidade, é facilitar uma vivência integrada dos deslocamentos constantes e inevitáveis entre educador e educando. Ninguém aprende sozinho, nem ensina. Ninguém é só educador, nem só educando. Se o conhecimento inclui as experiências e afetividades, todos têm muito a ensinar e aprender.

A participação e o comprometimento de todos, pode tornar o estabelecimento de ensino, num lugar agradável, num ambiente em que cada membro da comunidade escolar sinta-se parte importante do mesmo. Através da ação verdadeiramente político-pedagógica do gestor escolar, atuando como um incentivador, um líder democrático, que ouve, que dá oportunidade a todos os componentes de opinarem e decidirem as soluções adequadas às problemáticas surgidas, assim estaremos em constante exercício de cidadania e construindo uma escola para todos.

Neste contexto, a educação integral, expressa pela ampliação da jornada escolar em tempo, espaço, método e conteúdo, torna-se absolutamente estratégica para quebrar o círculo vicioso da pobreza e reduzir a disparidade social.

O desenvolvimento integral pressupõe o fortalecimento das oportunidades de aprendizado pela convivência social, pela ampliação do repertório cultural, pela aquisição de informações, pelo acesso e uso de tecnologias e pelo incentivo à participação na vida pública nas comunidades em que vivem.

Quanto mais articulados forem os espaços educativos disponíveis numa comunidade, maiores serão as chances de alcançar uma educação de qualidade para os seres humanos, somente haverá “um outro mundo possível”, quando, passo a passo, existir em nós e entre nós, um outro ser humano possível. E este outro ser humano mais humano e humanizador somente existirão quando soubermos criar uma outra educação possível e Integral.

A concepção do Programa Mais Educação vem sendo pensada e proposta na perspectiva da reinvenção da prática educativa escolar no sentido de seu desenclausuramento, de seu reencontro com a vida, do desenrijecimento de seus tempos, da interlocução entre os campos do conhecimento, em função da compreensão e da inserção qualificada no mundo. No reencontro com a vida coloca-se a perspectiva de um projeto educativo que, ancorado na instituição escolar, possa recriar seu sentido na relação com outros interlocutores, outros espaços, outras políticas e equipamentos públicos.

A Escola de Educação Integral está sendo pensada sob o princípio freireano de que a escola não se restringe apenas a uma sala de aula, quadro, giz e professor (a) as atividades pedagógicas e culturais acontecem, sempre que possível, ao ar livre como aula-passeio, visitas a museus, caminhadas pelo parque ou de qualquer outra forma diferente da convencional. Porque como disse Paulo Freire:

"Escola é... o lugar onde se faz amigos não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos... Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. O diretor é gente, O coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de ilha cercada de gente por todos os lados. Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se amarrar nela! Ora , é lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz."( Freire, A Escola, 2013)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Poesia extraída de <http://www.paulofreire.org> em Maio de 2013.

Educação Integral se constrói com o reconhecimento da diversidade, diversificação de atividades, metodologias, tempo e espaços educativos e uma ampla rede de articulação e parcerias. “Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra.” (Anísio Teixeira)

O desafio que se impõe é o de construir uma escola de Tempo Integral, que valorize diferenças e aposte na autonomia de profissionais, alunos e comunidade escolar. As novas demandas imprimem mudanças de paradigmas, de atitudes, de valores. Isso implica resignificar o ambiente, adotar uma nova forma de pensar a organização escolar e a aprendizagem. Sabe-se que mudar o modo de pensar, consolidado durante décadas não se constitui em uma tarefa fácil, porém temos o compromisso histórico de transformar a escola e isso exige o envolvimento do todo da sociedade neste processo.

O contexto escolar deve ser pensado como espaço da livre expressão e da possibilidade de escolhas conscientes acerca dos caminhos que pretendemos seguir. O processo educativo deve oferecer instrumentos e alternativas para que os aprendentes, e somos todos nós, possamos todos juntos interagir para transformar o que precisa ser reajustado, tendo em foco o “outro”.

Os desafios da escola se ampliam. A prática pedagógica, hoje, deve considerar a heterogeneidade da classe com seus diferentes aspectos, substituindo a lógica da homogeneidade, na qual todos devem ser respeitados, independentes da origem social, da idade, das experiências, do sexo ou etnia, pela lógica da diversidade, que vê e considera todos como sujeitos, respeitando sua cultura, suas dificuldades e reforçando o seu saber, saber fazer e ser, sobretudo a viver juntos e a conviver.

A Escola é ambiente de liberdade e responsabilidade, local para o e no exercício da cidadania, do respeito à diversidade e do compromisso com o desenvolvimento humano, social e ambiental.

Queremos uma escola que promova a identidade local e a formação para o desenvolvimento sustentável, com foco na construção do sentimento de pertencer à comunidade local e regional.

Uma escola que, ao ampliar o tempo de permanência do aluno, amplie também, oportunidades de aprendizagens para todos, com novas metodologias e

oferta de atividades educativas diversas, articuladas à otimização do espaço escolar e dos demais espaços públicos. A qualidade da aprendizagem do aluno é o que, atualmente, concretiza seu direito à educação e a direção na qual devem ser envidados todos os esforços no sentido da construção de Educação Integral.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL.** Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069/90.
- BRASIL.** LDBEN, leis, decretos, etc. Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional – Lei nº 9394/96.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Educação e mudança.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A escola.** Disponível em: <http://www.paulofreire.org>. Acesso em 10 de maio de 2013.
- HORA, Dinair Leal da. **Gestão Democrática na Escola: Artes e Ofícios da Participação Coletiva:** Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
- IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- MOLL, Jaqueline. **Um paradigma contemporâneo para a Educação Integral.** Pátio. Ano XIII nº 51. Ago/out 2009, p.12-15
- MOLL, Jaqueline. **Caminhos da Educação Integral no Brasil, direito a outros tempos e espaços educativos..** Penso. 2011.
- NAVARRO, Ighes P. et al. **Conselho Escolar e o Respeito e a Valorização do Saber e da Cultura do Estudante e da Comunidade:** Brasília MEC, SEB, 2004.
- SILVA, Jair Militão da. **A autonomia da escola pública.** Campinas: Papirus, 1996.
- VIANNA, I.O.A. **Planejamento Participativo na Escola.** São Paulo: EPU, 1986.